

Boletim Agro

Fevereiro/2026

bb.com.br/analises

Documento produzido com dados publicados até 31/01/26

Sumário

Olhar do economista

Projeções de IBGE e Conab vêm convergindo para uma safra de 2026 com variação moderada marcada pela expansão da soja e retração do milho

Panorama do clima

Embora irregulares, chuvas contribuíram para manutenção da umidade do solo em áreas pontuais do Centro-Oeste em no fim do ano.

Cenário global e fertilizantes

Entre trajetória distintas dos preços de fertilizantes o índice CRB Foods registrou uma retração de 1,7% em janeiro.

Soja

As projeções do IBGE e da Conab convergem para uma expansão entre 2,5% e 2,7% na próxima safra, mesmo diante da base elevada estabelecida pelo recorde de 2025

Milho

Impactados pela queda de produtividade do milho na segunda safra, o IBGE projeta retração de 6%, enquanto a Conab estima uma redução mais moderada, de 1,5%.

Arroz

Em um contexto de estoques elevados e preços pouco atrativos, IBGE e Conab projetam retração na produção do cereal.

Algodão

Após forte crescimento, IBGE e Conab esperam retração significativa na produção da fibra este ano.

Café

Após um ano com preços recordes, a projeção do IBGE indica um avanço de 7,3%, na produção de 2026 enquanto Conab, mais otimista, projeta expansão de 17,1%.

Cana-de-açúcar

Divergências entre IBGE e Conab permanecem, enquanto o instituto espera um ano positivo, a companhia espera mais um ano de retração.

Trigo

Estimativa do IBGE para safra de 2026 aponta para uma queda de 1,6% enquanto Conab espera uma safra praticamente estável.

Bovinos

Conab projeta um recuo de 4,3% na produção de carne bovina em 2026.

Avicultura

A estimativa da Conab para 2026 aponta para uma produção de 15,8 milhões de toneladas, crescimento de 2,3%.

Suinocultura

Com aumento consistente na produção nos últimos anos, Conab projeta para 2025/26 crescimento de 4,5 % na produção de carne.

Projeções

Revisamos nossa projeção do PIB Agropecuário para 2025 para 10,3%, enquanto a convergência entre as estimativas da Conab e do IBGE sustenta expectativa de alta de 1,0% em 2026.

Queremos ouvir você

Sua opinião é essencial para aprimorarmos nossas análises!

Participe e ajude a construir análises cada vez mais relevantes.

Após sua leitura, aponte o seu celular para o QR Code abaixo ou clique no link para compartilhar suas impressões e sugestões.

Boletim Agro: Pesquisa de Satisfação – Preencher o formulário

Olhar do economista

Ao acompanhar a evolução das estimativas para o ciclo produtivo colhido em 2026, o cenário para o ano começou com diferenças relevantes entre as projeções da Conab e do IBGE, algo que, inclusive, destaquei na edição anterior deste boletim. No entanto, o que chama atenção agora é justamente o movimento oposto: a cada novo prognóstico, essas leituras têm se aproximado, revelando uma trajetória de convergência que traz mais clareza e segurança para as análises do setor.

Embora adotem metodologias distintas, ambas as instituições sinalizam convergir para um cenário em que a produção nacional de grãos tende a apresentar variação moderada — dinâmica compatível com o patamar elevado alcançado na safra recorde do ano anterior. Apesar das diferenças em termos absolutos, as revisões mais recentes indicam alinhamento nas tendências: recuo moderado na produção de milho e avanço consistente na de soja

Pelo lado do IBGE, ainda que a primeira estimativa indicasse uma retração de 3,7%, a projeção mais recente aponta queda mais moderada, de 1,8%, explicada sobretudo pela forte redução na produtividade do milho, especialmente na segunda safra. Arroz, trigo, sorgo e algodão também apresentam perspectivas menos favoráveis, influenciadas pela elevada base de comparação e pelos efeitos do La Niña sobre o regime de chuvas no Centro-Oeste e no Sul. Em sentido oposto, a soja mantém trajetória de expansão, com potencial para estabelecer novo recorde, estimado em 170,3 milhões de toneladas.

A Conab adota um tom ligeiramente mais otimista ao projetar crescimento de 0,6% para a safra 2025/26, sustentado pelo desempenho robusto da soja, que pode superar 177 milhões de toneladas. O milho recua, mas de forma mais moderada, com produtividade relativamente estável.

Nas demais culturas, algumas divergências permanecem, embora venham se reduzindo à medida que novas informações são incorporadas. A Conab ainda não indica revisões estruturais, enquanto o IBGE mantém postura mais cautelosa para arroz, trigo, sorgo e algodão. No café, ambas as instituições projetam forte expansão, com a Conab estimando crescimento de 17,1% impulsionado pelo arábica. Por outro lado, para a cana-de-açúcar, o IBGE projeta alta de 0,6%, enquanto a Conab aponta para uma queda 1,6% na produção deste ano.

Na pecuária, o ajuste no ciclo bovino deve se intensificar ao longo do ano, com retração prevista de cerca de 4,3% na produção de carne bovina. Em contraste, suínos e aves continuam em expansão, apoiados pelo avanço das exportações e pela boa dinâmica interna, mesmo um ambiente de juros ainda elevados.

Entre os temas de destaque para o setor, vale mencionar também o recém firmado acordo Mercosul–União Europeia, que abre uma janela de oportunidades para o agro brasileiro. Apesar de seus efeitos imediatos serem graduais, por conta das salvaguardas e exigências ambientais, o pacto tende a fortalecer a competitividade do setor no médio e longo prazo, ampliando acesso a mercados de alto valor e estimulando investimentos alinhados a padrões internacionais de sustentabilidade e rastreabilidade.

Diante desse conjunto de informações — somado aos resultados já conhecidos do terceiro trimestre — revisamos nossa projeção de PIB Agropecuário para 2025, agora em 10,3%. Para 2026, a aproximação crescente entre as projeções da Conab e do IBGE reforça nossa expectativa de crescimento de 1,0%. Ainda assim, vale manter atenção: caso se confirme uma safra mais fraca de milho e um avanço mais limitado da soja, como sugerido no primeiro prognóstico do IBGE, esse resultado pode convergir para o campo da estabilidade ao longo do ciclo produtivo.

Marcelo Rebelo
Economista Chefe
Assessoramento Econômico



Panorama climático



Panorama climático

As condições climáticas recentes apontam um quadro heterogêneo, porém majoritariamente favorável às culturas de verão. Na Região Norte, acumulados superiores a 200 mm no centro do Amazonas, Acre, norte do Amapá, oeste e sul do Pará, Rondônia e Tocantins sustentaram umidade do solo acima de 60%, favorecendo o avanço das operações de campo.

No Nordeste, o padrão foi contrastante: o extremo oeste da Bahia, o sul do Maranhão e o Piauí registraram mais de 120 mm, ao passo que o litoral e áreas do semiárido ficaram abaixo de 50 mm, limitando o plantio e impondo restrições às lavouras de sequeiro.

A Região Sudeste foi beneficiada por frentes frias, com volumes acima de 150 mm. A maior disponibilidade hídrica favoreceu a florada e o pegamento inicial do café, além do desenvolvimento de cana-de-açúcar e citros.

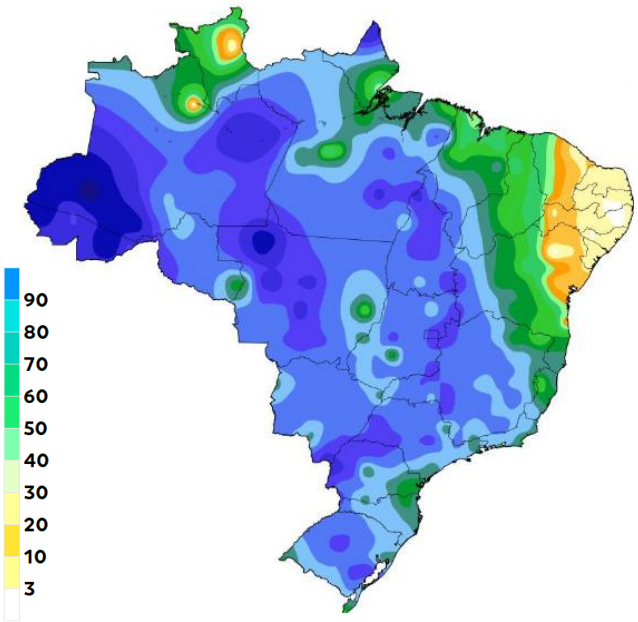
No Centro-Oeste, dezembro apresentou chuvas regulares acima de 150 mm na maior parte da região, criando condições propícias ao estabelecimento e desenvolvimento vegetativo de soja e milho 1ª safra e à recuperação das pastagens, com reflexos positivos para a pecuária.

Na Região Sul, os acumulados também superaram 150 mm, apoiando as lavouras de verão e a manutenção das pastagens. Em contrapartida, a persistência de elevada umidade do solo pode dificultar janelas operacionais e elevar o risco de doenças fúngicas em áreas em fase reprodutiva.

Em relação ao clima, projeções indicam queda das probabilidades de La Niña a partir da janela iniciada em março (MAM) e elevação das chances de El Niño Na janela subsequente (AMJ), recomendando monitoramento contínuo e gestão de riscos climáticos nos próximos meses, especialmente com foco na safra de inverno.

Armazenamento de água no solo (%)

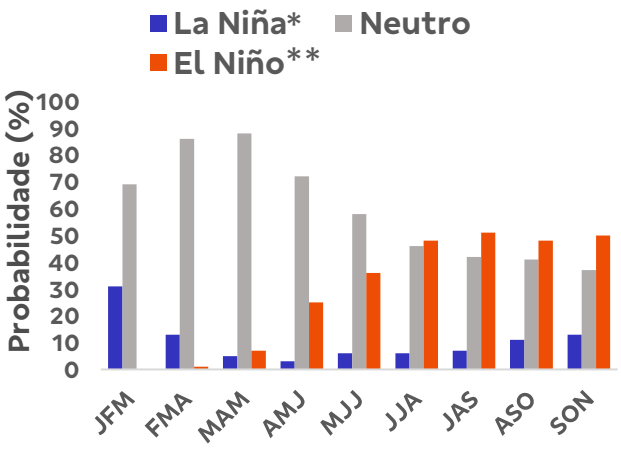
Válido para dezembro de 2025



Fonte: INMET/**Adaptações:** Banco do Brasil

Modelo probabilístico ENSO

Probabilidade (%)



Fonte: NOAA/**Elaboração:** Banco do Brasil

*O fenômeno é caracterizado pelo resfriamento anormal das águas do oceano Pacífico. No Brasil, está associado à chuva acima da média no Norte e Nordeste, e abaixo da média no Sul, além de provocar frio mais intenso.

**É caracterizado pelo aquecimento anormal e persistente da superfície do Oceano Pacífico. No Brasil está associado a volumes abaixo da médio em grande parte das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudestes.

Panorama climático

De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), a previsão para os meses de março, abril e maio indica volumes de chuva acima da média histórica na maior parte da região Norte, que também deve registrar temperaturas levemente da média, sendo mais intensa em partes do Tocantins, Roraima e Amazonas.

Na região Nordeste, são previstos volumes de chuva abaixo da média na maioria dos estados, especialmente no norte da Bahia. As temperaturas do ar também deverão permanecer acima da média histórica em porções do MATOPIBA.

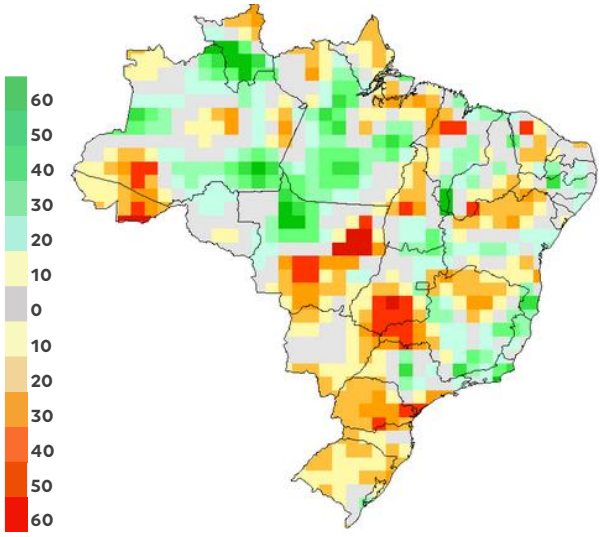
Para o Centro-Oeste, a expectativa é de chuvas em níveis próximos ou acima da média na parte norte de Mato Grosso enquanto a porção central e sul do estado deve registrar chuvas abaixo da média. Dinâmica similar deve ser observada em Goiás. Segundo o Boletim Agrometerológico do INMET de janeiro deste ano, o armazenamento hídrico do solo indica níveis de umidade acima de 50% em grande parte da região, sinalizando condições favoráveis para a safra, apesar de cenário de chuvas mais escassas em algumas regiões.

No Sudeste, a maioria dos estados tende a registrar volumes de chuva dentro ou acima da média. Todavia, prevê-se volume de chuva próxima e abaixo da média histórica no centro-norte de Minas Gerais. As temperaturas devem permanecer acima da média histórica em toda a região, com destaque para São Paulo e Minas Gerais.

Já na região Sul, a previsão climática indica volumes de chuva abaixo da média histórica em grande parte da região. Destaque para a perspectiva de menor nível de chuvas no Rio Grande do Sul, que está alinhada ao cenário de La Niña. Com exceção da serra catarinense, as temperaturas devem ficar acima da média em praticamente toda a região.

Previsão de anomalias de precipitação (mm)

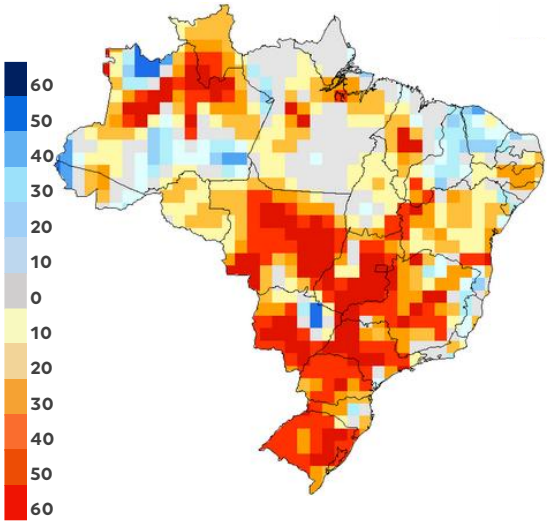
Válido para março, abril e maio de 2026



Fonte: INMET/**Adaptações**: Banco do Brasil

Previsão de anomalias de temperatura (°C)

Válido para março, abril e maio de 2026



Fonte: INMET/**Adaptações:** Banco do Brasil

Cenário global e fertilizantes



Cenário global

O relatório mais recente do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), divulgado em janeiro, aponta que a produção mundial de grãos deve apresentar variações importantes na safra 2025/26.

Para o **milho**, a estimativa é de uma produção de 131 milhões de toneladas no Brasil, queda de 3,7% em relação ao ciclo anterior. Na China, a produção deve permanecer avançar 2,1%, enquanto a União Europeia deve registrar retração de 3,9%. Em contrapartida, os Estados Unidos e a Argentina devem apresentar avanços significativos, de 14,3% e 6,0%, respectivamente. No cenário global, a produção de milho deve alcançar 1,29 bilhão de toneladas, indicando crescimento de 5,3%.

Em relação à **soja**, o relatório revisou para cima a projeção de soja no Brasil que deve manter a liderança mundial, com previsão de 178 milhões de toneladas, aumento de 3,8% sobre a safra anterior. Nos Estados Unidos, espera-se queda de 2,6%, e na Argentina, redução de 5,1%, enquanto a China deve registrar alta de 1,2%. No agregado, a produção global de soja tende a recuar 0,3%, refletindo ajustes no mercado internacional e nas condições climáticas que afetam as principais regiões produtoras.

Para o **trigo**, a produção brasileira foi estimada em 8,0 milhões de toneladas, com expansão de 1,4%. A China deve apresentar estabilidade, enquanto a União Europeia e a Índia projetam aumentos expressivos, de 17,9% e 4,1%, respectivamente. Globalmente, a produção deve totalizar 842,2 milhões de toneladas, e os estoques finais devem atingir 33,9% desse total. Esses números indicam um cenário de ajustes regionais, mas com tendência de estabilidade para a oferta mundial de grãos.

Produção Mundial de milho (2025/26)

País	Estoque final / consumo	Produção (toneladas)	Variação da prod.	Part. prod.
Mundo	22,6%	1.296,0 Mil	5,3%	
Estados Unidos	16,9%	432,3 Mil	14,3%	33,4%
China	56,1%	301,2 Mil	2,1%	23,2%
Brasil	3,8%	131,0 Mil	-3,7%	10,1%
União Europeia	7,8%	56,8 Mil	-3,9%	4,4%
Argentina	35,2%	53,0 Mil	6,0%	4,1%
Ucrânia	14,1%	29,0 Mil	8,2%	2,2%
México	13,1%	26,0 Mil	12,1%	2,0%

Produção Mundial de soja (2025/26)

País	Estoque final / consumo	Produção (toneladas)	Variação da prod.	Part. prod.
Mundo	29,4%	425,7 Mil	-0,3%	
Brasil	57,3%	178,0 Mil	3,8%	41,8%
Estados Unidos	13,0%	116,0 Mil	-2,6%	27,2%
Argentina	47,4%	48,5 Mil	-5,1%	11,4%
China	33,4%	20,9 Mil	1,2%	4,9%
União Europeia	9,5%	2,8 Mil	-4,9%	0,7%
México	9,8%	0,3 Mil	0,7%	0,1%
Japão	6,0%	0,3 Mil	-8,4%	0,1%

Produção Mundial de trigo (2025/26)

País	Estoque final / consumo	Produção (toneladas)	Variação da prod.	Part. prod.
Mundo	33,9%	842,2 Mil	5,2%	
União Europeia	12,4%	144,0 Mil	17,9%	17,1%
China	84,4%	140,1 Mil	-0,0%	16,6%
Índia	15,3%	117,9 Mil	4,1%	14,0%
Rússia	35,2%	89,5 Mil	9,7%	10,6%
Estados Unidos	81,8%	54,0 Mil	0,3%	6,4%
Canadá	61,0%	40,0 Mil	11,2%	4,7%
Brasil	25,4%	8,0 Mil	1,4%	0,9%

Fonte: USDA / Elaboração: Banco do Brasil

Fertilizantes

O índice CRB Foods registrou retração de 1,7% em janeiro na comparação com o mês anterior, e queda de 12,4% frente ao mesmo período de 2025. Ao longo daquele ano, o indicador alcançou seu pico em junho, iniciando posteriormente um movimento de desaceleração contínua que o levou ao menor nível anual na medição mais recente.

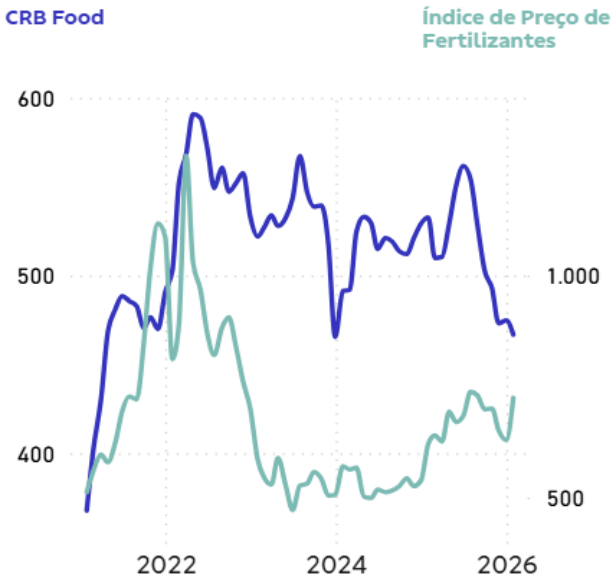
Os preços dos fertilizantes apresentaram comportamentos distintos na passagem de dezembro de 2025 para janeiro de 2026. O MOP (Muriato de Potássio) recuou 3,2%, enquanto o DAP (Fosfato Diamônico) avançou 6,1%. O Sulfato de Potássio manteve estabilidade em janeiro, mas acumula alta de 8,8% no ano e crescimento de 14,6% na comparação interanual. Já a amônia registrou retração de 3,8% no mês, acomodando parte da forte alta na comparação interanual, que ainda totaliza 25,0%. A ureia, por sua vez, interrompeu dois meses consecutivos de queda e apresentou expressiva expansão de 17,6%, resultando em alta acumulada de 13,6% em relação a janeiro de 2025.

No plano estrutural, os preços dos fertilizantes fosfatados seguiram pressionados pela restrição de oferta na China, enquanto os fertilizantes nitrogenados continuam sendo impactados pelos conflitos no Oriente Médio, região responsável por parcela significativa da produção global. Em contraste, os fertilizantes potássicos não enfrentam limitações de oferta, mas a demanda aquecida tem sustentado a elevação de seus preços.

Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC), as importações de fertilizantes brutos cresceram 9,0% em 2025. Resultado similar observado em janeiro de 2026 onde o volume importado cresceu 10,3% em relação ao mesmo mês do ano anterior.

Índice de Preços de Fertilizantes e CRB Food

Em dólares



Fonte: Bloomberg/**Elaboração:** Banco do Brasil

Fertilizantes

Em dólares por tonelada

Produtos	valor	Variação mensal	Variação acumulada no ano	Variação interanual
Amônia	625,0	-3,8%	25,0%	25,0%
DAP	617,5	0,2%	6,1%	6,1%
MOP	300,0	-3,2%	11,1%	11,1%
Sulfato de potássio	725,0	0,0%	14,6%	14,6%
Uréia	433,5	17,6%	13,6%	13,6%

Fonte: Bloomberg. Elaboração: Banco do Brasil

Soja



PRODUÇÃO

O terceiro prognóstico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a produção de soja em 2026 indica um novo recorde, com estimativa de colheita de 170,3 milhões de toneladas, crescimento de 2,5% em relação à safra anterior. Esse resultado é impulsionado, principalmente, pelo aumento da produtividade por hectare, que deve avançar 2,1% frente ao ano passado.

Entre os grandes estados produtores, Mato Grosso e Goiás devem registrar queda na produção, de 6,8% e 7,9%, respectivamente. Apesar disso, esse recuo deverá ser compensado pelo crescimento em estados da região Sul, como Rio Grande do Sul (55,4%) e Paraná (3,6%). No agregado regional, o Sul se destaca com expansão projetada de 21,6%, enquanto o Centro-Oeste deve apresentar retração de 3,8%.

Na região do MATOPIBA[1], a expectativa é de um leve recuo. Na Bahia, a queda prevista é de 5,7%; no Tocantins, espera-se uma redução de 5,3%. Em contrapartida, Piauí e Maranhão apresentam desempenhos mais favoráveis, com crescimentos previstos de 15,7% e 3,5%, respectivamente, atenuando parte das perdas regionais.

A Conab apresenta uma projeção mais otimista para 2026, estimando um crescimento de 2,7%, o que indica a possibilidade de um novo recorde, impulsionado pela recuperação da produtividade no Rio Grande do Sul.

O otimismo interno em relação à produção de soja está alinhado às projeções da USDA, que estima avanço de 3,8% em 2026, conforme já apontado neste documento.

[1]Acrônimo referente às duas primeiras letras dos estados em que faz divisa: Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia.

Produção brasileira para 2026

	LSPA	Conab
Produção (toneladas)	170,3 Mi	176,1 Mi
Variação 2026/25	2,5%	2,7%

Fonte: IBGE e Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Variação e participação dos principais estados produtores

UF	Variação 2026/25	Participação na produção nacional
MT	-6,8%	24,5%
RS	55,4%	13,9%
PR	3,6%	13,3%
GO	-7,9%	11,6%
MS	14,0%	7,4%
BA	-5,7%	5,5%
MG	-3,4%	5,2%
MA	3,5%	3,2%
TO	-5,3%	2,9%
PI	15,7%	2,8%

Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

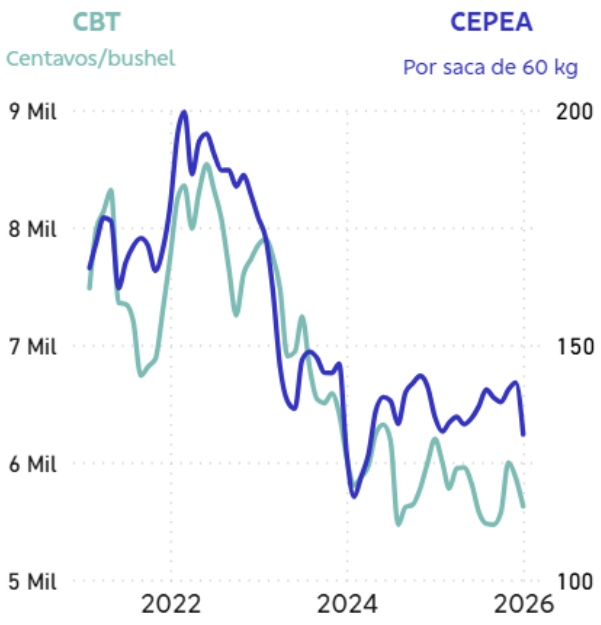
Nesse contexto de avanço na produção interna, a Conab projeta um crescimento de 3,3% nas exportações brasileiras grão, que podem atingir 111,8 milhões de toneladas. Além disso, espera-se um leve aumento na produção do óleo de soja, derivado de uma maior participação na composição do biodiesel, bem como um aumento no volume de soja destinado ao esmagamento.

PREÇO

Em 2025, o mercado da soja foi marcado por forte volatilidade e preços médios nos níveis mais baixos dos últimos anos, sustentados por uma ampla oferta global e tensões comerciais entre a China e os Estados Unidos. O Brasil colheu uma safra recorde que respondeu por cerca de 40% da produção mundial, o que ampliou a oferta interna e pressionou as cotações, mantendo a China como o principal destino.

Os preços da soja no mercado brasileiro recuaram no fim de janeiro devido à combinação de expectativa de safra recorde no Brasil, demanda doméstica enfraquecida e valorização do real frente ao dólar, reduzindo a competitividade da soja brasileira no mercado externo. Os indicadores CEPEA/ESALQ Paranaguá e Paraná registraram quedas acentuadas entre dezembro e janeiro, ambos com recuo em torno de 11%, considerando os valores praticados ao final de cada mês.

Preços de soja (grão)
Média diária mensal - Paranaguá



Fonte: Cepea-Esalq **Elaboração:** Banco do Brasil

PERSPECTIVAS PARA O TRIMESTRE

O mercado global de soja inicia 2026 com fundamentos ainda pressionados pela elevada oferta. Em janeiro, o USDA aumentou os estoques finais nos EUA (+20,66% m/m e +7,69% a/a) e revisou para uma leve alta a projeção dos estoques globais 2025/26 (+0,82% a/a). Ao mesmo tempo, o esmagamento da NOPA (National Oilseed Processors Association) em dezembro registrou o segundo maior volume da série histórica, sinalizando demanda resiliente pela indústria de óleo e farelo.

No *front* comercial, as vendas semanais dos EUA aceleraram em meados de janeiro, com destaque para a China. Ainda assim, o acumulado no ano comercial permanece abaixo do observado no ciclo anterior.

A China teria cumprido, já em meados de janeiro de 2026, a promessa de comprar 12 milhões de toneladas em 2025, o que contribuiu para sustentar os preços na CBOT, apesar do relatório baixista do USDA. Por outro lado, as margens negativas de esmagamento no país mantêm dúvidas sobre a força imediata da demanda.

No Brasil, a safra 2025/26 avança com o plantio praticamente concluído e a colheita iniciada. A Conab ajustou a produção para 176,1 milhões de toneladas, um aumento de 2,7% em relação à safra 2024/25, enquanto o USDA elevou sua projeção para 178 milhões de toneladas, ante 171,5 milhões na safra anterior (+3,8%). As exportações de 2025 atingiram recorde de 108,2 milhões de toneladas, das quais 79,3% foram destinadas à China.

Dessa forma, os fundamentos apontam para uma pressão baixista nos preços internacionais da soja no primeiro trimestre de 2026. Entretanto, fatores políticos podem manter elevada a demanda chinesa pela soja norte-americana, o que poderia sustentar estabilidade ou até alta em Chicago, ao mesmo tempo em que pressionaria ainda mais os preços no mercado interno brasileiro caso a demanda chinesa pela oleaginosa nacional diminua.



FATORES BAIXISTAS

- Previsões climáticas favoráveis às lavouras;
- Oferta tende a continuar elevada globalmente.



PONTO DE ATENÇÃO

- Relações comerciais entre os EUA e a China.



FATORES ALTISTAS

- Demanda chinesa;
- Avanço dos projetos de biodiesel.

Milho



PRODUÇÃO

No que se refere à safra de milho, o IBGE estima que a produção total deve atingir 133,2 milhões de toneladas em 2026, um declínio de 6,0% em relação à safra de 2025.

Para a primeira safra do grão, estima-se uma produção de 28,7 milhões de toneladas, aumento de 11,5% em relação a 2025. Para o milho da segunda safra, o prognóstico é de 104,6 milhões de toneladas, queda de 9,9% em relação ao ano anterior. Na segunda safra, todas as regiões do país devem apresentar queda na produção prevista para 2026: Sul (-2,0%), Norte (-3,4%), Nordeste (-6,8%), Centro-Oeste (-11,8%) e Sudeste (-15,9%).

O levantamento da Conab também sinaliza a tendência de retração, mas em menor intensidade, projetando uma safra de 138,9 milhões de toneladas, com uma redução de 1,5% em relação ao ciclo anterior.

Para a primeira safra, a expectativa é de crescimento de 3,8% em comparação à anterior, acompanhado de um aumento de 6,8% na área plantada. Até 10 de janeiro, 88,3% da semeadura já havia sido concluída.

Por outro lado, a segunda safra deve registrar uma queda de 2,4%, reflexo da redução de 6,0% na produtividade, embora haja previsão de avanço de 3,8% na área cultivada.

O consumo interno deve crescer 4,5%, impulsionado pela produção de etanol e pelo ciclo da bovinocultura, enquanto as exportações também devem aumentar, limitando a oferta doméstica.

Produção brasileira para 2026

	LSPA	Conab
Produção (toneladas)	133,2 Mi	138,9 Mi
Variação 2026/25	-6,0%	-1,5%

Fonte: IBGE e Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Variação e participação dos principais estados produtores

UF	Variação 2026/25	Participação na produção nacional
MT	-9,1%	33,2%
PR	0,3%	15,4%
GO	-8,2%	11,2%
MS	-25,5%	7,0%
MG	3,3%	6,5%
RS	19,9%	4,7%
SP	-6,4%	4,2%
MA	-6,4%	3,1%
BA	2,3%	2,7%
TO	1,3%	2,1%

Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

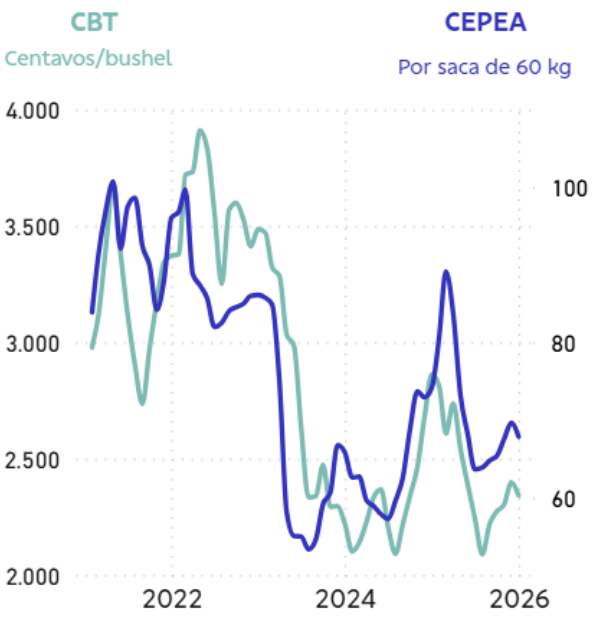
PREÇO

Apesar da produção recorde em 2025, os preços ficaram acima dos níveis em 2024, sustentados no início do ano por estoques de passagem historicamente baixos, demanda interna aquecida e entraves logísticos. Ao longo do ano, o avanço na colheita e a expectativa de uma 2ª safra volumosa pressionou as cotações, especialmente no segundo semestre. Porém, no último trimestre, os produtores restringiram a oferta no mercado spot, dificultando a reposição de estoques e sustentando os preços até dezembro.

Para esse ano, o mercado brasileiro começa com uma ampla oferta interna, estoques elevados e uma expectativa maior de produção da 1ª safra, o que pode pressionar os preços no curto prazo em relação a safra anterior.

Em janeiro, este recuo dos preços internos já foi observado, mostrando a prioridade dos compradores em consumir os estoques já negociados anteriormente. Em relação aos produtores, foram mais flexíveis em relação ao preço, diante do receio de novas desvalorizações e com necessidade de liberar os armazéns. O indicador do milho da ESALQ/BM&FBOVESPA apresentou recuo de 2,6% na comparação mensal entre dezembro e janeiro, refletindo a pressão baixista nesse início de ano.

Preços de milho (grão)
Média diária mensal



Fonte: Cepea-Esalq **Elaboração:** Banco do Brasil

PERSPECTIVAS PARA O TRIMESTRE

Ao longo do próximo trimestre, o mercado de milho no Brasil tenderá a ser marcado pela combinação do avanço da colheita da 1ª safra, da evolução do plantio da safrinha e da aceleração da colheita da soja — dinâmica que costuma intensificar a pressão logística e a oferta disponível no curto prazo.

A entrada gradual do milho verão no mercado, somada à necessidade de liberar armazéns para a soja, deve manter um viés baixista ou, ao menos, limitar altas nos preços domésticos, sobretudo em regiões com estoques elevados de milho e sorgo remanescentes de 2025. A Conab projetou um recuo de 1,5% na produção brasileira de 2025/26, estimada em 138,9 milhões de toneladas, ante 141,0 milhões na safra 2024/25. O USDA, por sua vez, projeta uma queda mais acentuada (-3,82%), com a produção passando de 136 milhões de toneladas na safra anterior para 131 milhões na atual.

As exportações brasileiras surpreenderam ao atingir 40,99 milhões de toneladas, e as estimativas para a temporada 2025/26 superam esse patamar.

No *front* externo, apesar de o USDA indicar produção global mais elevada e ampla disponibilidade nos EUA, os estoques finais globais permanecem historicamente baixos, funcionando como amortecedor para movimentos de queda mais abruptos.

No Brasil, embora o curto prazo seja pressionado pela oferta sazonal e pela recente apreciação do real, o plantio da 2ª safra avança sob relativa normalidade, enquanto o crescimento estrutural do consumo interno — especialmente para etanol de milho — continua desempenhando papel importante na sustentação dos preços.

Dessa forma, ao longo do trimestre, o milho deve operar em uma faixa de estabilidade com viés baixista, refletindo a sazonalidade da colheita e as questões logísticas. No entanto, há assimetria positiva mais adiante, conforme se definam o potencial produtivo da safrinha e os níveis efetivos de estoques ao final do ciclo.



FATORES BAIXISTAS

- Crescimento da produção global em 2025/26;
- Colheita recorde nos EUA, colheita da 1ª safra em andamento e plantio da 2ª safra avançando no Brasil.



PONTO DE ATENÇÃO

- Disputas comerciais dos EUA com outros países;
- Eventuais intercorrências climáticas.



FATORES ALTISTAS

- Estoques finais globais recuando;
- Estoques finais no Brasil muito baixo;
- Demanda interna aquecida.

Arroz



PRODUÇÃO

Para a cultura do arroz, o IBGE projeta uma produção de 11,6 milhões de toneladas em 2026, o que representa um recuo de 8,0% em relação ao ciclo anterior. Tal desempenho é atribuído às reduções de 5,6% na área ser colhida e de 2,6% no rendimento médio.

O Rio Grande do Sul, maior produtor nacional, deve registrar redução de 7,6% na produção. Assim como Santa Catarina, que tem uma perda esperada 4,3%. Entre os maiores produtores, somente Paraná deve registrar alta.

Segundo a Conab, a produção de arroz deverá atingir 11,1 milhões de toneladas, representando uma redução de 13,3% em relação à safra anterior.

A área plantada também deve apresentar queda, reflexo da perda de rentabilidade do produto diante da forte queda nos preços. Além disso, espera-se uma redução na produtividade, pressionada por fatores climáticos.

Apesar desse cenário de redução na produção interna, a Conab estima excedente de produção, o qual deverá destinado à exportação, que deve alcançar 2,1 milhões de toneladas.

Produção brasileira para 2026

	LSPA	Conab
Produção (toneladas)	11,6 Mi	11,1 Mi
Variação 2026/25	-8,0%	-13,3%

Fonte: IBGE e Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Variação e participação dos principais estados produtores

UF	Variação 2026/25	Participação na produção nacional
RS	-7,6%	66,6%
SC	-4,3%	10,4%
TO	-5,5%	8,0%
MT	-25,9%	3,6%
MA	-17,6%	1,7%
GO	-7,2%	1,5%
PR	9,5%	1,4%
RO	-5,2%	1,2%
PA	-8,5%	1,0%
MG	-30,8%	0,9%

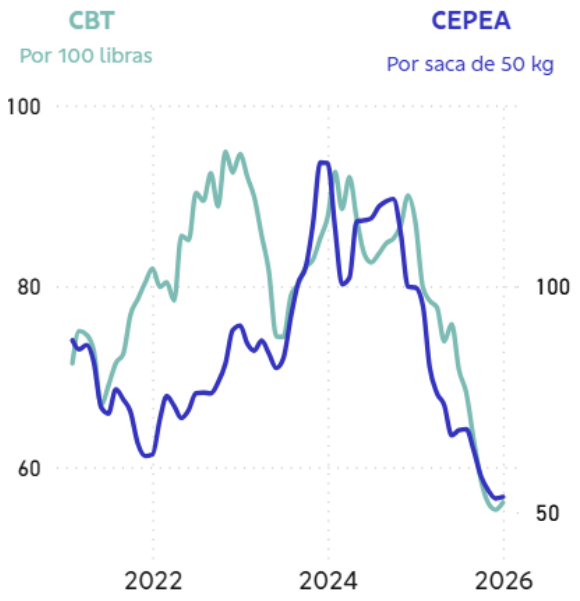
Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

PREÇO

A alta rentabilidade de 2024 estimulou a expansão da área plantada e maiores investimentos em 2025, e, com clima favorável, a produtividade das principais regiões produtoras apresentou forte recuperação. Porém, essa supersafra nacional, aliada ao aumento da oferta global e à demanda interna e externa enfraquecidas, resultou em uma forte queda nos preços, que atingiram os níveis mais baixos desde 2011, segundo o Cepea.

Após sucessivas retrações no último trimestre de 2025, os preços do arroz em casca no Rio Grande do Sul se mantiveram firmes no começo deste ano, impulsionados por uma demanda doméstica aquecida, sobretudo para reposição de estoques no atacado e varejo, o que aumentou a liquidez. Do lado da oferta, produtores ajustaram a armazenagem com a chegada da nova safra, enquanto aqueles com menor volume disponível venderam apenas de forma pontual. Entre 31 de dezembro e 31 de janeiro, o indicador do Cepea registrou alta de 0,6%.

Preços do arroz (grão)
Média diária mensal



Fonte: Cepea-Esalq **Elaboração:** Banco do Brasil

Algodão



PRODUÇÃO

De acordo com o IBGE, espera-se uma queda de 10,5% para a produção de algodão em 2026, após três anos consecutivos de recordes na produção. Os dois maiores produtores, Mato Grosso e Bahia, que juntos somam mais de 90% da produção nacional, devem registrar queda na produção, retraindo 10,3% e 17,5%, respectivamente.

Parte desse movimento deriva-se do aumento da oferta das últimas safras, pressionando os preços e desincentivando os produtores a aumentarem a área plantada em 2026.

Segundo a Conab, a produção total de algodão deve ficar em torno de 9,2 milhões de toneladas, uma queda de 6,3% em relação à safra anterior. Adicionalmente, a produção de algodão em pluma deverá atingir 3,8 milhões de toneladas em 2026, volume inferior ao da safra 2024/25. A Companhia destaca que além do momento desafiador da rentabilidade da cultura, questões climáticas desfavoráveis deterioraram a produtividade.

No comércio exterior, projeta-se um crescimento de 1,3% nas exportações do algodão pluma em 2026, estabelecendo um novo recorder, em virtude da excelente qualidade e competividade da pluma brasileira, consolidando o Brasil como o maior exportador do produto.

A demanda interna por algodão em pluma apresentou retração no segundo semestre de 2025, influenciada pelas altas taxas de juros no país e pela política tarifária norte-americana.

A estimativa é que o consumo interno seja de 725 mil toneladas em 2025, passando para 730 mil toneladas em 2026. Mesmo com a previsão de aumento nas exportações e no consumo interno, os estoques domésticos devem crescer 1,1%.

Produção brasileira para 2026

	LSPA	Conab
Produção (toneladas)	8,8 Mi	9,2 Mi
Variação 2026/25	-10,5%	-6,3%

Fonte: IBGE e Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Variação e participação dos principais estados produtores

UF	Variação 2026/25	Participação na produção nacional
MT	-10,3%	71,7%
BA	-17,5%	20,6%
MS	1,0%	2,0%
GO	-5,1%	1,9%
MG	15,4%	1,3%
MA	0,1%	0,9%
RO	-11,7%	0,7%
SP	11,7%	0,4%
PI	-3,4%	0,3%
TO	-11,3%	0,1%

Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

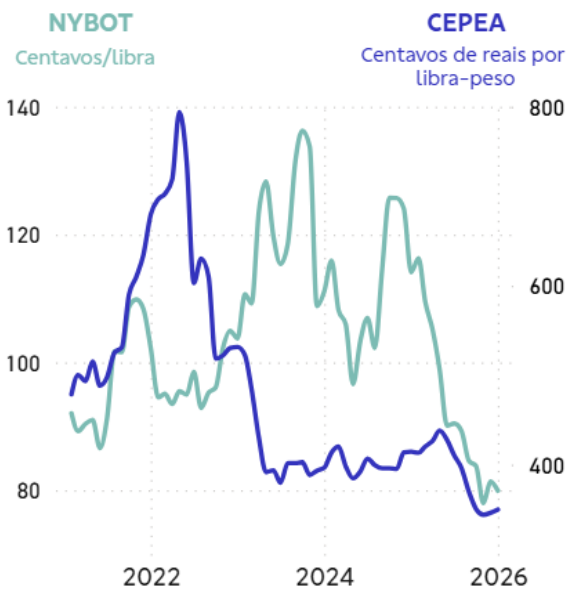
PREÇO

Em 2025, o setor brasileiro de algodão enfrentou um cenário adverso, marcado por produção recorde, barreiras tarifárias nos Estados Unidos, consumo enfraquecido e forte queda dos preços domésticos ao longo do ano. Após um primeiro semestre sustentado pela entressafra e pela valorização externa, os preços recuaram a partir de junho devido ao excesso de oferta, à demanda moderada, à queda do dólar e às pressões do mercado internacional, atingindo em novembro o menor nível real desde setembro de 2009. Nesse contexto, as exportações foram decisivas para o escoamento do excedente e ganharam ainda mais relevância, com volume recorde na safra 2024/25, enquanto o mercado a termo se consolidou como principal estratégia de gestão comercial do setor.

Segundo o Cepea, os preços do algodão em pluma estão em recuperação no mercado interno, sustentados por uma maior atuação dos compradores e uma ação mais cautelosa e firme dos vendedores. A reação ocorreu apesar da queda das cotações externas e do câmbio, levando os negócios domésticos a serem fechados acima da paridade de exportação.

Em janeiro, a média registrou um avanço de 1,1% em relação a dezembro/25 e um recuo de 15,6% na comparação com janeiro do ano anterior.

Preços de algodão Pluma
Média diária mensal



Fonte: Cepea-Esalq **Elaboração:** Banco do Brasil

PERSPECTIVA PARA O TRIMESTRE

Para o próximo trimestre, espera-se um cenário global ainda marcado por ampla oferta, mas com sinais de um equilíbrio marginal entre produção e consumo. Segundo o relatório do USDA divulgado em janeiro, o balanço global de algodão para a temporada 2025/26 passou por ajustes relevantes. Embora o trecho publicado não apresente números detalhados de produção e consumo mundiais, a análise indica que o mercado internacional permanece relativamente equilibrado, com oferta ajustada e leve pressão baixista sobre os preços.

Nos EUA, foco principal do USDA, houve uma redução na estimativa de produção, reflexo do menor rendimento esperado. Com isso, a produção projetada caiu para 13,92 milhões de fardos. Mesmo diante dessa queda, o mercado norte-americano segue relativamente estável em termos de consumo interno e exportações. A relação estoque/uso aponta para um ambiente de preços moderadamente pressionados, embora o ajuste na oferta forneça algum suporte. As condições de cultivo, melhores do que as observadas no mesmo período do ano anterior, seguem como ponto de atenção e podem influenciar futuras revisões, conforme novos dados de colheita forem consolidados.

No Brasil, o 4º Levantamento da Safra 2025/26 da Conab, divulgado em janeiro, revisou para baixo as expectativas para o algodão. Após o recorde da safra 2024/25, a projeção para 2025/26 indica leve retração, com produção estimada em 4,03 milhões de toneladas. A queda ocorre apesar do aumento de 2,5% na área plantada, devido a uma redução de cerca de 3,5% na produtividade. Mesmo assim, o país segue em posição de destaque no mercado global, apoiado pela expansão da área cultivada e pela perspectiva de exportações fortes ao longo de 2026. Porém, o cenário internacional ainda limita uma recuperação mais consistente dos preços.

Em outubro, os presidentes dos EUA, Donald Trump, e da China, Xi Jinping, firmaram um acordo de trégua de um ano, com redução de tarifas e retomada das compras agrícolas, incluindo algodão. A efetividade desse entendimento foi reforçada por novos avanços, e em dezembro de 2025 a China suspendeu as tarifas adicionais sobre o algodão norte-americano, encerrando o acréscimo de 15% e mantendo apenas a tarifa residual de 10%, além de retirar temporariamente outras medidas retaliatórias, o que ampliou o acesso da fibra dos EUA ao mercado chinês e reverteu parte das distorções da guerra tarifária. Nesse novo cenário, a China tende a ampliar e redirecionar suas compras para os EUA, sustentando as cotações internacionais, mas reduzindo a competitividade do algodão brasileiro em seu principal destino. A recuperação da presença americana no mercado chinês reequilibra o comércio global e pressiona exportadores concorrentes, como o Brasil, que haviam se beneficiado da fase mais intensa da disputa tarifária.

Além disso, a China deve colher uma safra maior, tornando-se um dos principais impulsionadores do aumento da produção global, segundo o USDA. A maior oferta doméstica tende a reduzir a necessidade de importações e pressionar ainda mais a demanda internacional. Relatórios também apontam expansão contínua da produção em Xinjiang e maior autossuficiência, enquanto o consumo interno segue enfraquecido pela forte competitividade das fibras sintéticas.

Algodão

Outro fator que limita a valorização do algodão é justamente o avanço das fibras sintéticas. O algodão natural enfrenta dificuldades para ampliar participação, em um cenário de produção global elevada e estoques volumosos. Com isso, o mercado permanece pressionado, com preços estáveis em nível reduzido e sem gatilhos claros de alta no curto prazo, salvo eventuais choques climáticos relevantes nas principais regiões produtoras.



FATORES BAIXISTAS

- Oferta global e estoques confortáveis;
- Demanda chinesa limitada (estoques elevados);
- Efeito substitutivo das fibras sintéticas.



PONTO DE ATENÇÃO

- Preço do petróleo.



FATORES ALTISTAS

- Riscos climáticos nos principais produtores.

Café



PRODUÇÃO

No que concerne à produção de café, o IBGE aponta para um aumento de 7,3% na produção total em 2026. Entre as categorias do grão, deve ser observado um crescimento de 13,9% na produção de café arábica, enquanto o café canephora deve recuar 4,1% na próxima safra.

Entre os estados, Minas Gerais, responsável por mais da metade da produção nacional de café arábica, deve apresentar aumento de 15,2% na produção, ano em que se caracteriza uma bienalidade positiva. Por outro lado, o Espírito Santo, responsável por mais da metade da produção de café canephora, deverá registrar queda de 3,5% na produção do grão, em razão da incerteza do comportamento das chuvas no primeiro quadrimestre de 2026.

Entretanto, a Conab delineia um cenário ainda mais favorável para a safra do café, projetando um crescimento de 17,1% em relação ao ciclo anterior, impulsionado pelo avanço de 23,3% do arábica e de 6,4% do conilon, uma variedade do canephora.

Espírito Santo, principal produtor do café conilon, apresenta perspectivas mais favoráveis segundo a Companhia, em razão das boas precipitações registradas no norte do estado.

PREÇOS

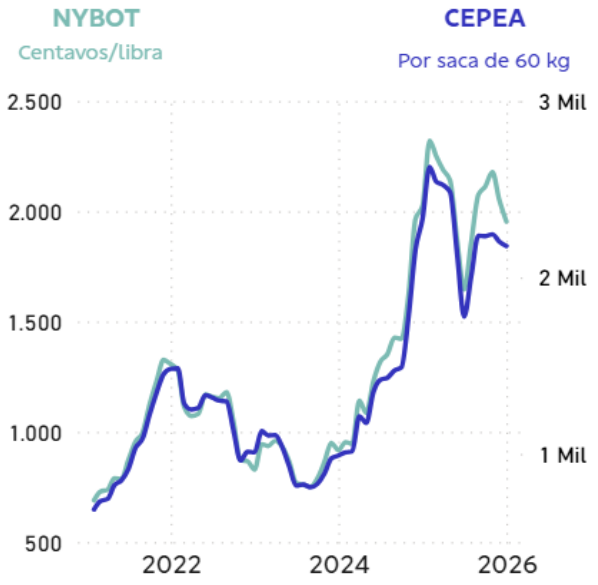
Em 2025, os preços do café arábica alcançaram níveis elevados devido a restrições de oferta, incertezas climáticas e maior volatilidade, apesar do alívio gerado pela boa produção de robusta no Brasil e no Vietnã. As chuvas recentes beneficiaram o arábica, mas o excesso de chuvas no norte do Espírito Santo preocupa o robusta, mantendo os preços voláteis. No mês, o arábica recuou 1,1% na passagem mensal.

Variação e participação dos principais estados produtores

UF	Variação 2026/25	Participação na produção nacional
MG	14,9%	50,8%
ES	-0,4%	24,2%
SP	12,5%	12,4%
BA	-12,9%	5,8%
RO	8,7%	4,2%
PR	0,4%	1,2%
RJ	-12,2%	0,6%
GO	36,4%	0,5%
MT	45,7%	0,3%
AC	5,1%	0,1%

Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

Preços do café (grão)
Média diária mensal - Arábica



Fonte: Cepea-Esalq **Elaboração:** Banco do Brasil

PERSPECTIVA PARA O TRIMESTRE

O último relatório do USDA, divulgado em dezembro, apontou aumento na produção mundial de café para a safra 2025/26, estimada em 178,8 milhões de sacas, além de uma leve recuperação dos estoques globais, que devem atingir 20,1 milhões de sacas após cinco anos consecutivos de queda. Esse avanço em relação ao ciclo anterior foi impulsionado por melhores condições climáticas e maior produtividade em países como Vietnã, Indonésia e Etiópia, compensando as perdas registradas no Brasil e na Colômbia.

No Brasil, o USDA projeta uma produção total de 63 milhões de sacas para a safra 2025/26, indicando redução de 2 milhões de sacas em relação à estimativa anterior. Essa queda reflete a redução de 6 milhões de sacas na produção de arábica, que deve alcançar 38 milhões, devido à seca e às altas temperaturas em Minas Gerais e São Paulo, que prejudicaram a floração e o desenvolvimento dos frutos. Em contrapartida, para o robusta (conilon), o USDA prevê aumento de 4 milhões de sacas, atingindo um recorde de 25 milhões, favorecido pelas boas chuvas nos principais estados produtores, como Espírito Santo e Bahia.

A primeira estimativa da Conab para 2026, divulgada em fevereiro, projeta a produção brasileira de café em 66,2 milhões de sacas, um avanço de 17,1% sobre o ciclo anterior e com potencial para estabelecer um novo recorde histórico. O crescimento esperado é sustentado principalmente pelo desempenho do café arábica, cuja produção deve atingir 44,09 milhões de sacas. O aumento de 23,3% em relação à safra passada reflete tanto a expansão da área produtiva quanto um conjunto de condições climáticas mais alinhadas às necessidades da cultura, além da influência positiva da bienalidade, que este ano favorece floradas mais uniformes e melhor evolução fisiológica das plantas.

No caso do conilon, as projeções também são favoráveis: a Conab estima 22,1 milhões de sacas, quase 65% acima do volume registrado no ciclo anterior. O resultado está associado à regularidade climática ao longo da formação da safra e ao maior nível tecnológico observado nas áreas produtoras.

Complementando esse cenário, o levantamento do IBGE, baseado nos dados de janeiro, aponta uma estimativa de 56,8 milhões de sacas para a produção total de café. Embora inferior à projeção da Conab, o número também confirma uma perspectiva de recuperação em relação ao ano anterior.

A retirada da tarifa adicional de 50% pelos EUA sobre o café brasileiro, anunciada em novembro, trouxe alívio imediato para o setor exportador. A medida devolve competitividade ao Brasil no mercado norte-americano, especialmente no café arábica, que responde pela maior parte dos embarques. Durante os meses de vigência da tarifa, o Brasil perdeu espaço para concorrentes como Colômbia e México, que mantiveram alíquotas mais baixas, pressionando margens e encarecendo o produto para o consumidor americano.

Os impactos da reversão já começam a aparecer: exportadores relatam retomada gradual das negociações com torrefadoras nos EUA e contratos suspensos estão sendo reativados. No entanto, os efeitos da tarifa ainda se refletem nos números — as exportações brasileiras para os EUA caíram mais de 50% entre agosto e outubro, fazendo com que o país deixasse temporariamente de ser o principal fornecedor. Agora, com a normalização, espera-se recuperação ao longo do primeiro trimestre de 2026, embora a recomposição total possa levar meses. Apesar do avanço, o café solúvel brasileiro continua sujeito à tarifa adicional,

mantendo pressão sobre indústrias nacionais e reduzindo competitividade frente a outros fornecedores. Esse fator pode alterar a dinâmica do mercado, favorecendo embarques de grãos em detrimento de produtos industrializados, segmento no qual o Brasil tradicionalmente se destaca.

Outro ponto que permanece no radar é a implementação da Lei Antidesmatamento da União Europeia (EUDR), que exige que produtos como café, soja e carne bovina sejam livres de desmatamento. Em novembro, o Parlamento Europeu decidiu pelo adiamento da aplicação da norma, reduzindo a urgência de compras antecipadas pelos importadores europeus antes de 30 de dezembro, data originalmente prevista para a entrada em vigor. A decisão posterga o início da vigência em um ano, estabelecendo que grandes empresas deverão cumprir as exigências a partir de 30 de dezembro de 2026, enquanto micro e pequenas empresas terão até 30 de junho de 2027 para se adequar, conforme comunicado oficial.

O Parlamento iniciará agora negociações com os Estados-membros para definir a redação final da legislação. Para que o adiamento tenha validade legal, o texto precisa ser aprovado pelo Conselho e publicado no Jornal Oficial da União Europeia até o fim de 2025. Até lá, as discussões sobre ajustes operacionais continuam e o mercado segue atento aos impactos regulatórios sobre cadeias produtivas e estratégias comerciais.

De qualquer forma, a evolução do clima no próximo trimestre será determinante para a trajetória dos preços. Caso as condições favoreçam o desenvolvimento dos frutos no Brasil, o mercado tende a permanecer precificando uma safra mais robusta em 2026, pressionando as cotações futuras para baixo. Em contrapartida, qualquer sinal de irregularidade climática pode reduzir o potencial produtivo e sustentar movimentos altistas. No segmento de robusta, a florada ocorreu sob boas condições e conta com irrigação, o que reforça expectativas positivas para o próximo ciclo. Já para o arábica, a definição do potencial produtivo dependerá do comportamento climático para a consolidação das previsões da produção e produtividade das lavouras.



FATORES BAIXISTAS

- Brasil: perspectivas de maior produção em 2026.



PONTO DE ATENÇÃO

- Brasil: atenção as clima nas regiões produtoras e às revisões das estimativas para a safra;
- Brasil: retomada das exportações para os EUA.



FATORES ALTISTAS

- Estoques globais seguem baixos;
- Incertezas climáticas.

Cana-de-açúcar



Cana-de-açúcar

PRODUÇÃO

Para a cultura da cana-de-açúcar, a projeção do IBGE para a safra de 2026 aponta para uma produção de 706,8 milhões de toneladas, avanço de 0,6% em relação à safra anterior. São Paulo, estado que responde por mais da metade da produção nacional, deve apresentar retração de 2,0% na produção.

Por outro lado, o terceiro levantamento da Conab indica uma redução de 1,6% na produção nacional em relação à safra anterior. Embora a área colhida deva crescer 2,4%, a produtividade média tende a recuar 3,8%, impactada pelo clima menos favorável e pela irregularidade das chuvas.

Na região Sudeste, maior produtora de cana-de-açúcar, a expectativa é de queda de 4,4%, devido às altas temperaturas, períodos de seca e incêndios que prejudicaram a rebrota e o desenvolvimento das lavouras.

PREÇO

Contrariando as expectativas de manutenção de preços elevados em função da escassez global, o mercado de açúcar apresentou quedas expressivas ao longo de 2025, tanto no cenário interno quanto no externo.

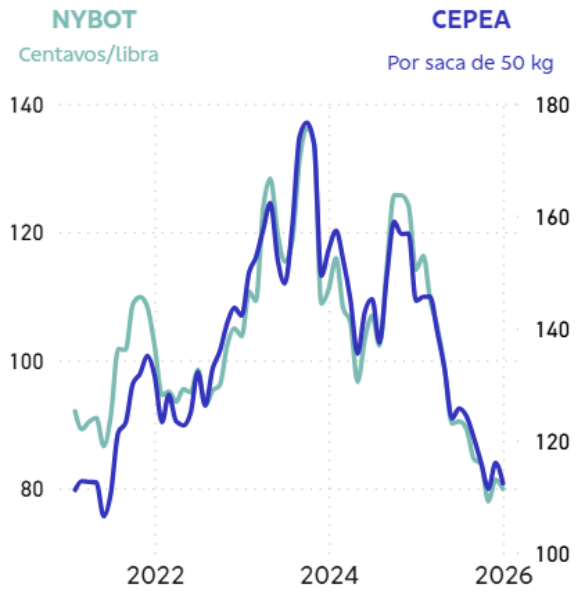
No início do ano, as cotações domésticas ainda se mantinham em níveis elevados: em janeiro, o Indicador CEPEA/ESALQ registrou R$ 154,98 por saca de 50 kg. Com o início da safra 2025/26, em abril, os preços passaram a seguir trajetória consistentemente descendente, movimento que se prolongou pelos meses seguintes. Já em janeiro, a média mensal havia recuado para R$ 112,36 por saca de 50 kg, representando queda de 3,10% em relação a dezembro de 2025.

Variação e participação dos principais estados produtores

UF	Variação 2026/25	Participação na produção nacional
SP	-2,0%	53,6%
MG	5,6%	11,6%
GO	9,3%	10,7%
MS	-8,2%	7,6%
PR	8,4%	4,2%
PE	9,3%	2,6%
AL	1,5%	2,4%
MT	4,4%	2,1%
PB	-2,2%	1,2%
BA	-11,9%	0,6%

Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

Preços do açúcar cristal
Média diária mensal - Santos



Fonte: Cepea-Esalq **Elaboração:** Banco do Brasil

Cana-de-açúcar

PERSPECTIVA PARA O TRIMESTRE

O mercado de açúcar deve seguir pressionado por um cenário global de oferta confortável, com projeções indicando produção acima do consumo pelo sexto ano consecutivo — 189,3 milhões de toneladas produzidas contra 178,1 milhões consumidas, segundo o USDA. Esse quadro é sustentado sobretudo pela expansão da oferta na Índia e na Tailândia e pelas boas perspectivas para a produção brasileira, apesar da redução parcial do mix açucareiro em favor do etanol.

No *front* externo, em dezembro de 2025, o USDA projetou para a Índia um aumento relevante da produção, estimada em 35,3 milhões de toneladas (+26% a/a) após a queda provocada pelo El Niño, com consumo e estoques também maiores. Para a Tailândia, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos estima produção de 10,3 milhões de toneladas (+2% a/a), exportações próximas de 7,0 milhões de toneladas e redução dos estoques.

Para o Brasil, o USDA estimou a produção 2025/26 em aproximadamente 44,4 milhões de toneladas de açúcar, alta de 0,7% em relação a 2024/25, além de exportações em expansão.

No agregado, o órgão indica superávit de oferta em 2025/26, com Brasil e Índia liderando o avanço produtivo e a Tailândia reforçando o eixo exportador asiático, enquanto a União Europeia recua devido à redução da área de beterraba.

No mais recente Boletim da Safra de Cana-de-Açúcar, divulgado em novembro de 2025, a Conab projetou que a produção de açúcar no Brasil deve atingir 44,5 milhões de toneladas (+0,78% a/a), o segundo maior volume da série histórica. A próxima atualização está prevista para abril de 2026.

Para o próximo trimestre, os principais pontos de atenção permanecem concentrados nos potenciais impactos climáticos no Centro-Sul brasileiro e na Ásia, além de possíveis mudanças no mix produtivo e na relação açúcar-etanol, que podem alterar marginalmente o balanço global e a dinâmica dos preços no mercado internacional.



FATORES BAIXISTAS

- Oferta mundial excedendo o consumo;
- Aumento do consumo global em ritmo menor que o da produção.



PONTO DE ATENÇÃO

- Clima no Brasil e na Ásia.



FATORES ALTISTAS

- Ajustes técnicos, após sequência de baixas.

Trigo



PRODUÇÃO

De acordo com IBGE, a produção nacional de trigo para a safra 2025/26 está estimada em 7,7 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 1,6% em relação à safra anterior. Esse desempenho negativo deve ser pressionado pela queda projetada nas produções do Rio Grande do Sul e do Paraná, cujas colheitas devem ser, respectivamente, 1,7% e 1,1% inferiores às registradas na safra anterior.

Por outro lado, a Conab projeta uma produção estável, estimada em 7,9 milhões de toneladas em 2026.

A safra desse ano inicia com preços internos pressionados, mesmo após as quedas expressivas observadas em 2025. Aliado esse fator, com a produção mundial elevada e sem sinais de quebra significativa na produção, o mercado externo continua mantendo as cotações internacionais pouco estimulantes, traduzindo em margens apertadas para o produtor brasileiro, tornando o planejamento da safra de 2026 mais desafiador.

Produção brasileira para 2026

	LSPA	Conab
Produção (toneladas)	7,7 Mi	7,9 Mi
Variação 2026/25	-1,6%	0,0%

Fonte: IBGE e Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Variação e participação dos principais estados produtores

UF	Variação 2026/25	Participação na produção nacional
RS	-1,7%	44,6%
PR	-1,1%	34,4%
SP	16,8%	6,7%
SC	-9,3%	5,7%
MG	-7,9%	5,5%
GO	-17,6%	1,9%
MS	-14,3%	0,6%
BA	0,6%	0,4%
DF	-6,2%	0,3%

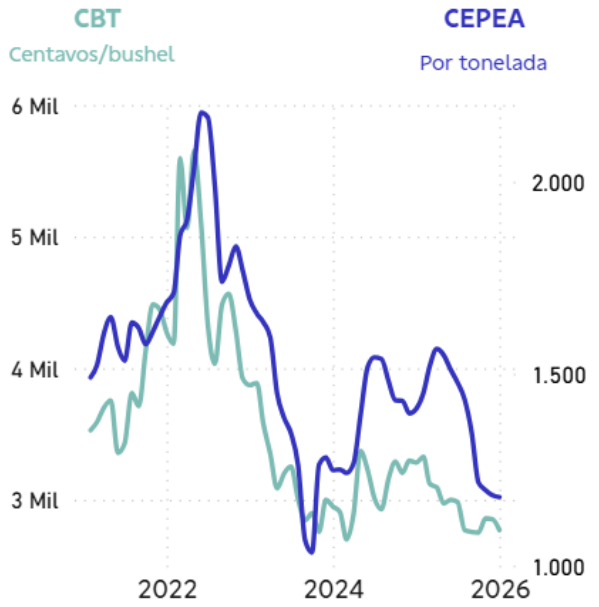
Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

PREÇOS

Segundo o Cepea-Esalq, o comportamento dos preços domésticos em 2025 apresentou dois momentos distintos. No primeiro semestre, as cotações permaneceram firmes, sustentadas por uma oferta interna inferior à demanda. A liquidez foi reduzida nesse período, com vendedores mais cautelosos nas negociações. A partir de maio, entretanto, o avanço da semeadura nacional, os elevados estoques de passagem e, sobretudo, a crescente pressão decorrente da ampla oferta mundial e do aumento das importações de trigo alteraram a trajetória dos preços.

No segundo semestre, com a intensificação da colheita brasileira — especialmente entre agosto e outubro, quando o volume do Paraná passou a entrar de forma mais significativa no mercado — as cotações registraram quedas mais acentuadas. Esse movimento foi reforçado por um cenário internacional fortemente baixista, marcado por uma safra global recorde e pela perspectiva de elevada produção na Argentina. As sucessivas reduções nos preços ao longo desse período elevaram as preocupações quanto à rentabilidade do produtor. Em janeiro de 2026, no mercado doméstico a tonelada foi negociada ao valor próximo de R$ 1.180 a tonelada, mantendo a tendência de retração, com queda adicional de 0,43%, configurando o nono mês consecutivo de desvalorização. A última alta mensal havia sido registrada em abril de 2025.

Preços do Trigo
Média diária mensal - Paraná



Fonte: Cepea-Esalq **Elaboração:** Banco do Brasil

Bovinocultura



Bovinocultura

PRODUÇÃO

No que tange à pecuária, os dados do IBGE referentes ao terceiro trimestre de 2025 apontam um crescimento de 7,4% no número de abates de bovinos em comparação com o mesmo período do ano anterior, totalizando 11,28 milhões de cabeças abatidas.

Para o ano de 2026, a Conab projeta uma retração de 4,3% na produção total de carne bovina. Esse recuo está associado à inversão do ciclo pecuário, caracterizada por uma maior retenção de matrizes e consequente redução no abate de fêmeas. Apesar disso, o rebanho bovino nacional deve atingir a marca de 227,3 milhões de cabeças.

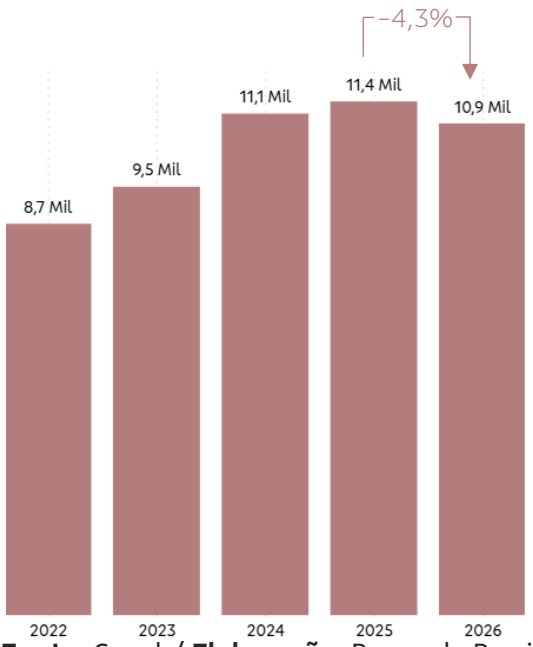
É esperado uma queda de 7,9% na disponibilidade per capita; por outro lado, um avanço de 1,1% nas exportações.

PREÇO

A pecuária brasileira segue fortalecida, renovando recordes de produção e exportação. Em 2025, a menor oferta global de carne, os custos competitivos e o câmbio favorável impulsionaram o setor, que superou pela primeira vez 3 milhões de toneladas exportadas, mesmo diante das tarifas impostas pelos EUA.

No mercado interno, o segundo semestre foi marcado por um spot enfraquecido, devido ao alongamento das escalas de abate via contratos, o que reduziu a demanda por animais no mercado de balcão e limitou reajustes, inclusive em períodos típicos de entressafra. Em janeiro, os preços permaneceram praticamente estáveis (+0,1%), negociando a arroba por R$ 320,60. Segundo o Cepea, 2025 tem sido caracterizado por baixa volatilidade, com o setor mantendo os valores reposicionados no final de 2024 e operando com oscilações menores que em anos anteriores.

Produção de carne bovina
(1.000 ton equiv. carcaça)



Fonte: Conab/ **Elaboração:** Banco do Brasil

Preços do boi gordo
Média diária mensal



Fonte: Cepea-Esalq **Elaboração:** Banco do Brasil

PERSPECTIVA PARA O TRIMESTRE

No cenário internacional, as estimativas mais recentes do USDA indicam que a produção global de carne bovina deve recuar 1% em 2026, alcançando 61,03 milhões de toneladas equivalente-carcaça, após o pico registrado em 2025. A revisão incorpora reduções esperadas em importantes produtores, como Brasil e EUA, ambos projetados para operar em níveis inferiores aos do ano anterior. China, União Europeia e Austrália também devem apresentar queda na produção, reforçando a tendência de ajuste global já apontada em levantamentos anteriores.

No Brasil, dados consolidados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) mostram que as exportações de carne bovina atingiram um recorde histórico em 2025, totalizando 3,85 milhões de toneladas, crescimento de 20,7% em relação a 2024, com receita de US$ 18,36 bilhões, alta próxima de 40% no mesmo comparativo. A China seguiu como principal destino, respondendo por 48,2% das compras brasileiras, percentual que supera 53% quando consideradas apenas as vendas de carne *in natura*. Esse desempenho compensou amplamente a redução nas compras norte-americanas, mesmo após o período de tarifas adicionais impostas pelos EUA entre agosto e outubro. Além da China, mercados como EUA, União Europeia, México, Filipinas, Rússia, Indonésia e países do Oriente Médio sustentaram o avanço dos embarques, refletindo maior diversificação sem perda de volume.

Nesse contexto, a China permanece como eixo central do escoamento e da formação de preços da carne bovina brasileira. Contudo, desde 31 de dezembro de 2025, com a decisão final da investigação de salvaguarda, o relacionamento passou a operar sob um sistema de cotas tarifárias por país, definido pelo MOFCOM (Ministério do Comércio da China). Na prática, embarques dentro da cota permanecem sujeitos às tarifas usuais (Brasil: 12%), enquanto volumes acima do limite enfrentam sobretaxa de 55%. Para 2026, a cota brasileira foi fixada em 1,106 milhão de toneladas, com liberalização gradual ao longo do triênio. Esse desenho impõe a necessidade de planejar o calendário de embarques, otimizar o *mix* de produtos e priorizar cortes de maior valor (como traseiros *premium*, exemplo: picanha) dentro da cota, reduzindo espaço para itens de menor preço e estimulando a diversificação de mercados para proteção de margens à medida que o teto anual se aproxima.

No mercado interno, do lado da oferta, o Brasil avança para a fase de virada do ciclo pecuário, com maior retenção de fêmeas e redução gradual da participação de matrizes nos abates ao longo de 2026, movimento típico de recomposição de rebanho após anos de liquidação. Esse ajuste tende a reduzir a oferta de gado terminado e a sustentar a valorização da arroba, com impactos já perceptíveis no primeiro semestre, especialmente em regiões onde a reposição mostra alta consistente e as condições de pastagem permitem manter os animais por mais tempo.

No próximo trimestre, a oferta global reduzida deve continuar dando sustentação aos preços. Esse ambiente, aliado à possível abertura de novos mercados e ao fortalecimento das exportações para destinos já consolidados, tende a manter a competitividade brasileira, mesmo diante de maior seletividade por parte dos parceiros. Ao mesmo tempo, será essencial acompanhar as mudanças estruturais decorrentes das salvaguardas chinesas. Também será crucial monitorar o desempenho das exportações para os EUA, segundo maior destino e mercado que apresentou forte expansão em 2025. A continuidade desse ritmo dependerá da combinação entre os níveis, ainda pressionados, da produção norte-americana e a competitividade relativa da proteína brasileira frente a outros fornecedores.

Bovinocultura



FATORES BAIXISTAS

- Efeito substituição por outras proteínas;
- Maior oferta de bois de confinamento.



PONTOS DE ATENÇÃO

- Exportações para os EUA;
- Impacto das medidas de salvaguarda chinesa;
- Questões sanitárias.



FATORES ALTISTAS

- Produção mundial e rebanhos reduzidos;
- Exportações brasileiras elevadas;
- Virada do ciclo pecuário no Brasil;
- Retenção de fêmeas devido à sazonalidade da estação da monta.

Avicultura



Avicultura

PRODUÇÃO

Segundo IBGE, o número de frangos abatidos no terceiro trimestre de 2025 apresentou expansão de 2,9% em relação ao mesmo período do ano anterior. Em comparação ao trimestre imediatamente anterior, observou-se um crescimento de 3,0% no volume de abates.

Para o ano de 2026, a Conab projeta uma produção total de carne de frango da ordem de 15,9 milhões de toneladas, o que representa um incremento de 2,3% frente ao volume produzido em 2025. Tal resultado pode configurar um novo recorde histórico da série.

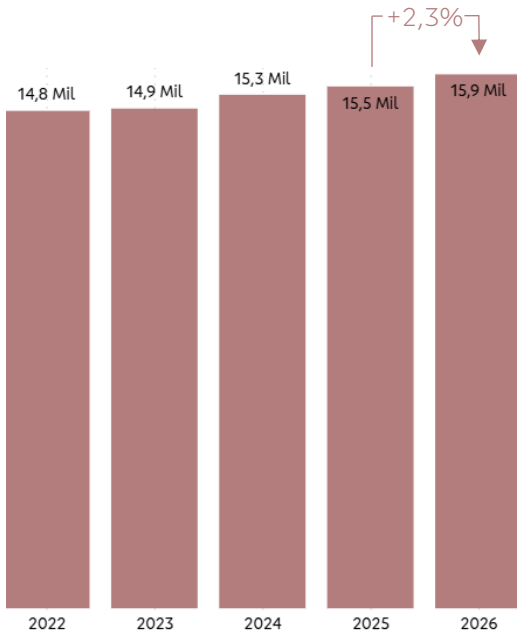
O alojamento de pintos de corte deve atingir 7,3 bilhões de cabeças, com aumento de 1,1% em relação ao ano anterior, sinalizando a continuidade do crescimento da atividade.

As exportações de carne de frango estão estimadas em 5,3 milhões de toneladas para 2026, um avanço de 0,9%, enquanto a disponibilidade per capita no mercado interno deve crescer 2,6%.

PREÇO

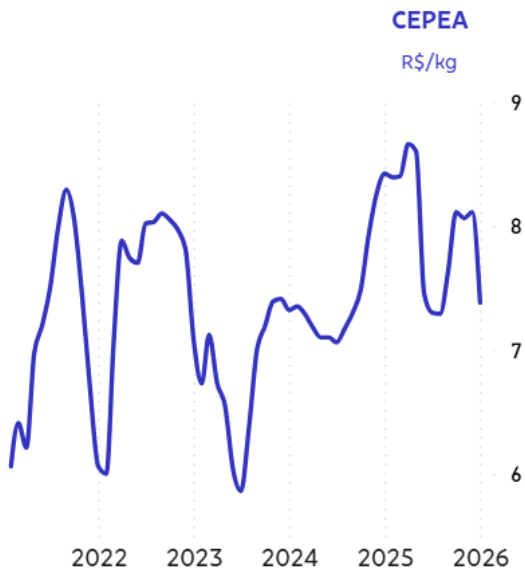
Mesmo com as restrições pontuais adotadas por alguns países importadores, o desempenho anual do setor avícola permaneceu positivo. No mercado interno, após a alta sazonal do consumo de carne de aves em dezembro, quando os preços avançaram 0,62%, o mês de janeiro registrou retração de 9,0% em relação a dezembro, com o frango congelado negociado a R$ 7,38/KG. O movimento refletiu tanto a desaceleração da demanda doméstica quanto a acomodação das exportações, em linha com a normalização pós-festas de fim de ano.

Produção de carne de aves
(1.000 ton equiv. carcaça)



Fonte: Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Preços do frango congelado
Média diária mensal



Fonte: Cepea-Esalq **Elaboração:** Banco do Brasil

Suinocultura



Suinocultura

PRODUÇÃO

Segundo dados do IBGE, o abate de suínos totalizou 15,8 milhões de cabeças no terceiro trimestre de 2025, registrando crescimento de 5,3% em relação ao mesmo período do ano anterior. Em comparação ao trimestre imediatamente anterior, houve avanço de 4,8%.

Para 2026, a Conab projeta um aumento de 1,4% no efetivo do rebanho suíno e uma elevação de 4,5% na produção de carne suína frente a 2025, totalizando 5,9 milhões de toneladas. Caso essa estimativa se confirme, será a maior produção da série histórica.

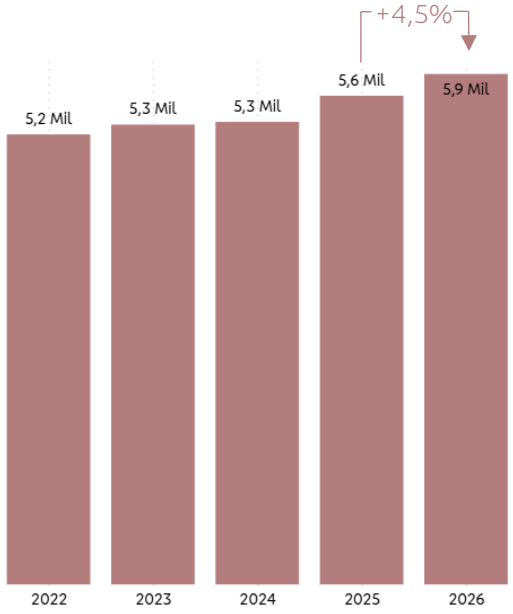
No comércio exterior, a Conab prevê expansão de 8,2% nas exportações de carne suína, indicando aquecimento da demanda internacional e maior inserção do produto brasileiro nos mercados globais.

PREÇO

Segundo o Cepea, o mercado suinícola apresentou estabilidade no último bimestre do ano, com pouca variação tanto na demanda quanto nos preços. No mercado atacadista de carne, contudo, observou-se um movimento distinto: em dezembro, a procura por cortes de suínos se intensificou em razão das festividades de Natal e Ano-Novo, elevando os preços da carcaça a um novo pico.

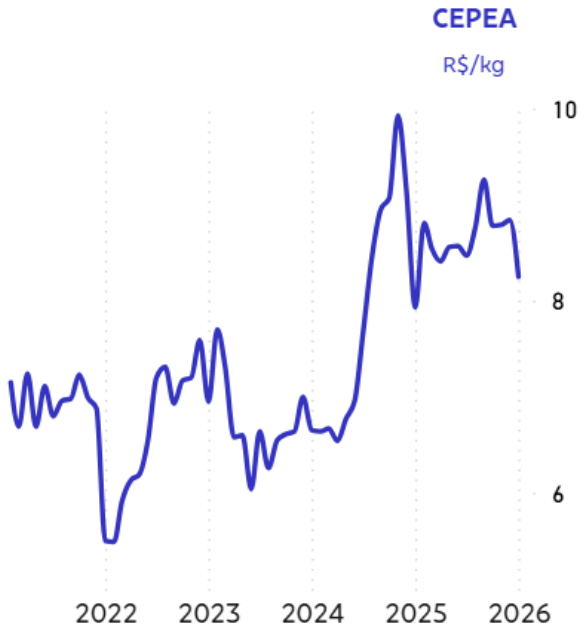
Já em janeiro, com a redução típica da demanda após as comemorações de fim de ano, os preços recuaram 6,6% no mês, devolvendo parte dos ganhos observados no mês anterior, negociando o kg do suíno a R$ 8,25. Além disso, dados do MDIC mostram que o valor das exportações de carne suína em dezembro registrou um expressivo crescimento de 39,4% em relação ao mesmo mês do ano anterior, reforçando o bom desempenho do setor no mercado externo.

Produção de carne suína
(1.000 ton equiv. carcaça)



Fonte: Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Preços do suíno vivo
Média diária mensal – São Paulo



Fonte: Cepea-Esalq **Elaboração:** Banco do Brasil

Projeções

Resumo Cenário Econômico

BB Assessoramento Econômico

#pública

Atualização: 09/02/2026

Atividade Econômica	Cenário Base 2024	2025	2026	Média 2027-30
PIB - R$ tri	**11,8**	12,7	13,4	15,2
PIB - US$ tri	**2,2**	2,3	2,5	2,6
PIB per capita (em milhares US$)	**9,9**	10,4	11,2	12,1
PIB - Variação Real (%a.a.)	**3,4**	2,3	2,0	1,9
Consumo das Famílias	**3,5**	2,3	2,1	1,9
Consumo do Governo	**2,2**	1,5	1,5	1,6
Formação Bruta de Capital Fixo	**7,2**	2,2	1,8	1,6
Exportações	**3,0**	6,5	4,1	4,1
Importações (-)	**13,7**	4,7	2,5	7,5
Indústria	**3,3**	1,6	1,8	1,8
Serviços	**3,6**	2,3	2,1	1,9
Agropecuária	**-2,5**	10,3	1,0	3,0
Taxa de Desemprego média (% PEA)	**6,8**	**5,9**	6,0	7,0
Massa de Salário Real - variação %	**7,3**	**5,9**	3,9	3,5
Salário real	**4,3**	**5,3**	3,5	2,8
Preços, Juros e Câmbio				
IPCA - Taxa % ano	**4,8**	**4,3**	4,2	4,0
IGP-DI - Taxa % ano	**6,9**	**-1,2**	3,6	4,1
SELIC - % a.a. - final de período	**12,25**	**15,00**	12,00	9,6
SELIC - % acumulado no ano	**10,9**	**14,33**	13,3	9,7
Juros Reais ex-post - % (IPCA)	**5,8**	**9,7**	8,8	5,6
Câmbio R$/US$ - final de período	**6,19**	**5,50**	5,50	5,8
Câmbio - Variação % nominal	**27,9**	**-11,1**	0,0	1,8
Taxa Média de Câmbio R$/US$	**5,5**	**5,6**	5,4	5,7
Câmbio Médio - variação %	**10,0**	**1,7**	-2,6	2,0
Contas Públicas e Externas				
Resultado Primário - % do PIB	**-0,4**	**-0,4**	-0,3	0,4
Resultado Nominal - % do PIB	**-8,5**	**-8,2**	-7,9	-6,4
Dívida Bruta / PIB - %	**76,2**	**78,6**	83,7	88,6
Balança Comercial - US$ bi	**74,2**	**68,3**	68,9	79,5
Exportações - US$ bi	**337,0**	**346,3**	357,0	380,4
Importações - US$ bi	**-262,9**	**-280,4**	-284,8	-299,8
Corrente de Comércio - % do PIB	**27,9**	**27,4**	26,0	25,7
Transações Correntes - % do PIB	**-3,1**	**-3,0**	-2,7	-2,5
Transações Correntes - US$ bi	**-66,2**	**-68,8**	-66,8	-66,4
Crédito				
Crédito Total (% PIB)	**54,8**	**55,9**	58,1	62,4
Crédito Total (% a.a)	**11,5**	**10,2**	9,2	9,0
Crédito Total PF (% a.a)	**12,5**	**11,6**	9,3	9,4
Crédito Total PJ (% a.a)	**9,9**	**8,1**	9,2	8,4
Crédito Livre Total (% a.a)	**11,2**	**8,6**	8,6	9,2
Crédito Livre PF (% a.a)	**12,6**	**13,2**	9,5	9,8
Crédito Livre PJ (% a.a)	**9,4**	**2,3**	7,3	8,5
Crédito Direcionado Total (% a.a)	**11,8**	**12,5**	10,1	8,7
Crédito Direcionado PF (% a.a)	**12,4**	**9,6**	9,0	9,0
Crédito Direcionado PJ (% a.a)	**10,7**	**18,4**	12,1	8,3
Comprometimento de renda das famílias com serviços da dívida (%)	**26,8**	**27,4**	27,8	27,8
Juros Externos				
Fed Funds (% a.a)	**4,50**	**3,75**	3,00	3,50

Queremos ouvir você

Sua opinião é essencial para aprimorarmos nossas análises!

Participe e ajude a construir análises cada vez mais relevantes.

Após sua leitura, aponte o seu celular para o QR Code abaixo ou clique no link para compartilhar suas impressões e sugestões.

Boletim Agro: Pesquisa de Satisfação – Preencher o formulário

Disclaimer

Esta publicação contém análises/avaliações que refletem as visões de profissionais da área de Tesouraria Global/Assessoramento Econômico e da Diretoria de Agronegócios do Banco do Brasil S. A. ("BB").

As análises/avaliações aqui publicadas:

i. eventualmente, podem não expressar o posicionamento do Conglomerado BB sobre os temas aqui tratados;

ii. é possível que divirjam substancialmente das visões de outras áreas correlatas do BB, mesmo que faça referências a recomendações publicadas por essas respectivas Áreas;

iii. podem ou não ser seguidas pela gestão da Carteira Proprietária do BB.

As informações, opiniões, análises e avaliações contidas nesta publicação:

i. contém dados e projeções informativos que são dependentes das hipóteses adotadas. Nessa medida, não devem ser tomados como base, balizamento, guia ou norma para quaisquer documentos, avaliações, julgamentos ou tomadas de decisões, sejam de natureza formal ou informal;

ii. foram fornecidas apenas como comentários gerais de mercado e não constituem quaisquer formas de aconselhamento pessoal, jurídico, tributário ou outro serviço financeiro regulamentado;

iii. não contém toda a informação desejável, ou seja, fornecem apenas visões limitadas da economia e do setor agropecuário, de forma geral "Macro", não avaliando valores mobiliários específicos e emissores determinados;

iv. não são uma pesquisa ou recomendação de investimento para fins regulatórios e não constitui uma análise substantiva;

v. não são uma recomendação personalizada ou uma consultoria de investimento.

Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises são assumidas exclusivamente por quem as utiliza, eximindo o BB de todas as ações decorrentes do uso deste material.

Ressalte-se que o BB não se responsabiliza por atualizar qualquer estimativa contida nesta publicação.

O BB recomenda aos leitores da publicação que:

i. antes de entrar em qualquer transação, certifiquem-se de que entende os potenciais riscos e retornos e verifique a compatibilidade com seus objetivos e experiência, recursos operacionais e financeiros e outras circunstâncias relevantes;

ii. procurem consultores para verificar limitações tributárias, legais e contábeis, sempre que necessário.

Por fim, o BB esclarece que o acesso a esta publicação implica na total aceitação deste termo de responsabilidade e uso, não sendo permitido a reprodução, retransmissão e distribuição do todo ou de qualquer parte deste material sem a sua prévia e expressa autorização.

Consultas, sugestões, reclamações, críticas, elogios e denúncias:

SAC 0800 729 0722

Atendimento a Deficientes Auditivos ou de Fala 0800 729 0088

Ouvidoria 0800 729 5678